

# Avaliação e conselho de classe: socializar para repensar ou para excluir?

*Juliane Rocha de Moraes<sup>1</sup>, Edna Tamorozzi<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>UNIVAP, Universidade do Vale do Paraíba, Pós-graduação, www.jusergio@ibest.com.br

<sup>2</sup>UNIVAP, Universidade do Vale do Paraíba, Pós-graduação, www.professoraedna@uol.com.br

**Resumo-** O presente estudo procura refletir acerca das práticas avaliativas das escolas tendo como foco o conselho de classe e os discursos fomentados durante o conselho de classe. Buscou-se realizar várias reflexões em torno das falas dos educadores sobre o processo avaliativo dos alunos evidenciados no conselho de classe, tendo como referencial alguns autores que discutem a possibilidade de uma avaliação investigativa, participativa, integradora e inovadora no contexto educacional, fomentando reflexões que instiguem mudanças na prática pedagógica para que seja possível repensar a educação de forma mais inclusiva, posto que uma avaliação excludente contribui e aumenta a ocorrência do fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Avaliação, conselho de classe, exclusão e fracasso escolar.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas (Educação)

## Introdução

No contexto educacional é muito comum a fala dos educadores envolvidos na área educacional que avaliação serve para quantificar, classificar de forma prioritária ou mesmo exclusiva o desempenho dos alunos tendo como principal foco as notas alcançadas. É rotineiro professores, gestores, pais e alunos classificarem os “bons” somente pelas notas obtidas, evidenciando que a avaliação é um instrumento, ou processo para expor os alunos bons e alunos que não atingiram as notas pretendidas.

Ao buscar desenvolver este estudo tivemos como motivação nossa indignação em torno da prática avaliativa arbitrária que tem como resultado o fracasso escolar e exclusão social de modo geral.

Por intermédio do embasamento teórico visamos realizar uma interlocução entre nossas reflexões e a literatura de autores renomados que discutem as práticas avaliativas reflexivas.

Nosso objetivo foi realizar reflexões em torno da avaliação e das reuniões de conselho de classe.

## Materiais e Métodos

Ao decidirmos realizar um estudo sobre o contexto avaliativo estabelecemos a seguinte problemática: Avaliação e conselho de classe: socializar para repensar ou para excluir?

Vários autores renomados e educadores estão buscando refletir sobre as diversas funções da avaliação. Nos dias atuais é possível entender o processo avaliativo de forma mais ampla e inclusiva, posto que a educação reflexiva se desenvolve a partir do objetivo de ensino que não centra em resultados finalizados aos quais, a exclusão e marginalização dos menos favorecidos

podem ocorrer em grande escala, mesmo que o sujeito não seja obrigado a repetir uma mesma etapa escolar, este é inteiramente rotulado e marcado pelo fracasso escolar. Ao contrário, a educação reflexiva busca nas possibilidades pessoais de cada aluno parâmetros reguladores e inovadores para garantir que as várias habilidades encontradas no ambiente escolar sejam valorizadas e socializadas, pois segundo Zabala:

“O problema não está em como conseguir que o máximo de meninos e meninas tenham acesso à universidade, mas desenvolver ao máximo todas as suas capacidades, e entre elas, evidentemente, aquelas necessárias para chegar a serem bons profissionais.” (ZABALA, 1998, P.197)

Ao pensar e idealizar uma avaliação inclusiva em que o ponto inicial seja o respeito à individualidade e a diversidade de saberes fica claro que aceitaremos o que cada sujeito traz consigo: sua história, seus hábitos, seus valores, enfim, uma vida que sempre deverá ser respeitada e acolhida pela escola e principalmente pelo professor.

Para que tenhamos uma avaliação capaz de valorizar as várias habilidades e diversidade de saberes é fundamental que o professor conheça e reconheça o processo inicial de construção de conhecimento de cada sujeito envolvido na aprendizagem, para que possa mapear e identificar as conquistas e aquilo a ser alcançado por cada aluno. A avaliação tem que promover reflexões e avanços, não a exclusão e marginalização.

É fundamental que o professor tenha clareza do ponto de partida de cada sujeito para que o seu julgamento seja comparativo tendo como parâmetro o próprio aluno e não os demais, visto que quando optamos e vivenciamos uma avaliação que não visa somente o resultado e sim

o processo, é óbvio que não podemos fazer comparações entre os sujeitos e sim do indivíduo para com o próprio indivíduo.

A avaliação inicia com o processo de observação de cada passo do aluno de forma sistemática e rotineira dentro do processo de ensino e aprendizagem: “a observação, avalia, diagnóstica a zona real do conhecimento para poder, significativamente, lançar os desafios da zona proximal do conhecimento a ser explorado.” (FREIRE, 1996, p. 34)

Posto assim, cada situação de aprendizagem será uma fonte de informação para organizar os conhecimentos que estão sendo construídos em classe, permitindo uma avaliação diagnóstica, integradora, reflexiva e investigativa, capaz de retomar e refazer a prática pedagógica dia-a-dia, por isso é uma avaliação que demanda tempo e estudo, visto que de nada adiantará se o professor ficar somente no campo discursivo e paralisado.

Zabala integra várias avaliações ao processo de avaliação formativa:

Avaliação formativa – aquela que tem como propósito a modificação e a melhora contínua do aluno que se avalia. A finalidade é ser um instrumento educativo que informa e faz valoração do processo seguido pelo aluno, com o objetivo de lhe oportunizar, a todo o momento, as propostas educacionais mais adequadas.

Avaliação inicial consiste em conhecer o que cada um dos alunos sabe, sabe fazer, o que pode chegar, a saber, saber fazer ou ser e como aprendê-lo.

Avaliação reguladora o mesmo que avaliação formativa.

Avaliação final apura os resultados obtidos, as competências conseguidas em relação aos objetivos previstos, analisa o processo e a progressão que cada aluno conseguiu, a fim de continuar sua formação levando em conta as suas características específicas. (Cf. ZABALA, 1998, p. 201).

Entende-se então, que para este estudo teremos como embasamento uma avaliação que busca discutir e refletir sobre o processo individualizado e acompanhado de forma sistemática refeita a cada constatação.

Neste âmbito devemos considerar que para avaliar os alunos são necessários vários recursos como: observação e registro, intervenções dirigidas, planejamentos de atividades diferenciadas, rotina definida para as atividades em sala de aula, teste e provas e tantas outras.

É importante que ao individualizarmos a avaliação nosso foco seja os percursos de

formação de cada indivíduo, para que possamos reformular e orientar cada passo a ser dado. Perrenoud, no entanto adverte que uma avaliação baseada no contexto de diferenciação precisa fazer com que o professor rompa com os resquícios deixados por uma educação excludente:

“A diferenciação do ensino significa inevitavelmente romper com uma equidade, interessar-se mais por alguns alunos, atendê-los mais, propor-lhes atividades diferentes, julgá-los de acordo com as exigências proporcionais às suas possibilidades.” (PERRENOUD, 1996, p.50)

Para que o professor possa realmente vivenciar uma avaliação não excludente é fundamental que o mesmo tenha em sua rotina subsídios que facilitem suas reflexões e também que consigam transmitir segurança suficiente para que possam ser quebrados os obstáculos e vícios deixados por uma educação punitiva, seletiva e contribuidora para o fracasso.

É essencial estabelecer a avaliação como fonte direta para a retomada da prática pedagógica, visto que quando se compreende o processo avaliativo como uma verificação e um repensar acerca do ensino e da aprendizagem, esta passa a ser aliada contra a ideologia do dom<sup>1</sup>, contra o êxito do fracasso escolar, por isso é muito interessante pensar na avaliação como parte de um processo de aprendizagem e que por ser individual deve ser ancorada às diferenças individuais de cada sujeito envolvido, atualmente torna-se inadmissível um professor ser indiferente às diferenças em sala de aula, uma vez que, quando entendemos a sala de aula como homogênea estamos promovendo o fracasso escolar. Bourdieu descreve que: “A indiferença às diferenças transforma desigualdades iniciais, diante da cultura, em desigualdade de aprendizagem e, posteriormente, de êxito escolar.” (BOURDIEU, APUD PERRENOUD 1996, p. 45). Sendo assim é urgente repensar nossa visão sobre o processo avaliativo das escolas. Não podemos mais tolerar a indiferença às diferenças.

Para este estudo utilizamos observações diretas em reuniões de conselho de classe, as quais as falas dos professores foram registradas e analisadas por intermédio da bibliografia existente.

Entende-se que o estudo etnográfico possibilita uma observação direta e contribui para que possamos refletir sobre as desigualdades sociais tão presentes no cotidiano escolar:

<sup>1</sup> Ideologia do dom-pensamento em que os indivíduos nascem com dom determinado para os estudos, ou seja, indivíduos sem dom serão marginalizados por não pertencerem a elite que é a única a dominar o conhecimento socializado na escola.

“A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais: primeiro por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais, terceiro por revelar as relações e interações ocorridas no interior da escola, de forma a abrir a “caixa preta”.“ (MATTO, 2001, p. 372)

## Resultados

Partindo da problemática já mencionada Avaliação e conselho de classe: socializar para repensar ou para excluir? Assistimos várias reuniões de Conselho de classe<sup>2</sup> para recolhermos dados para análise.

Inicialmente perguntamos para alguns professores o que era um conselho de classe e qual era a sua importância?

“Conselho é muito chato, cada professor fala dos alunos sem nota, aí todo mundo concorda que o menino não tem jeito mesmo. Pra mim essas reuniões só cansam. (Professora Luzia<sup>3</sup>)

“Conselho é para desabafar, colocar tudo às claras, agente sabe que tudo irá continuar como está, mas é bom falar com os colegas.” (Professora Fátima)

“Conselho é desgastante, todo mundo fala mal, ninguém encontra solução, os alunos com dificuldade continuam na mesma e nada muda é só para cumprir horário.” (Professora Alice)

As falas destas professoras denunciam claramente a prática pedagógica utilizada em sala de aula, vários autores classificam o conselho de classe como “diálogo de surdos”, visto que o professor discorre sobre algum aluno que é diagnosticado com problemas de personalidade pelos próprios docentes, nenhum com formação para tal diagnóstico, gerando um determinismo social em que o resultado é o fracasso escolar.

Outro ponto que instigou nossas reflexões foi que nestas reuniões os alunos eram avaliados somente pelas notas, não pela interação pedagógica. Em nenhuma das reuniões houve questionamentos sobre as intervenções realizadas em sala de aula, ou seja, a concepção de avaliação da grande parte dos professores entrevistados evidencia uma continuidade na

<sup>2</sup> Conselho de Classe- órgão colegiado, presente na organização da escola, em que vários professores das diversas disciplinas, juntamente com os coordenadores pedagógicos, ou mesmo os supervisores e orientadores educacionais, reúnem-se para refletir e avaliar o desempenho pedagógico dos alunos das diversas turmas, séries ou ciclo.

<sup>3</sup> Todos os nomes utilizados neste estudo são ilustrativos e não correspondem aos entrevistados

prática da exclusão social que é perpetuada no contexto escolar.

Importante também relatarmos é o apoio encontrado nos colegas em relação às falas. Existia uma espécie de contrato de conformidade que reforçava as colocações, como se todos naquele ambiente tivessem as mesmas opiniões. Quando um professor falava: “ele não aprende”, “ele não tem jeito”, “ele é igual ao irmão”, todos iniciavam as comparações, responsabilizando as famílias, a comunidade local e até a falta de inteligência.

O conselho de classe deve servir para que as ações possam ser repensadas dentro e fora da sala de aula, entretanto neste contexto estudado a realidade apenas evidenciou o êxito do fracasso escolar. Os alunos colocados em pauta continuaram sua vida escolar estigmatizados, e fadados ao baixo rendimento escolar, mesmo não sendo reprovados e obrigados a repetir uma etapa. Poderá ficar “jogados” a própria sorte, esperando que talvez no ano seguinte possam ter professores reflexivos que busquem no sujeito o que ele pode dar de melhor. É preciso conceber o ensino e aprendizagem com respeito aos diferentes saberes: “Todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes das outras.” (WEISZ, 2003, p. 48)

## Discussão

No desenvolvimento deste estudo foi possível organizarmos as informações para possíveis discussões sobre a verdadeira função dos conselhos de classe, como os professores articulam as decisões tomadas em relação aos alunos com aproveitamento insuficiente, porque a prática pedagógica não é discutida nas reuniões, porque esses espaços não são utilizados para decisões coletivas para que os rendimentos destes alunos possam melhorar, enfim, várias são as frentes de discussão para esse tema tão polêmico que envolve avaliação, fracasso escolar e falta de mobilização pedagógica.

## Conclusão

O estudo realizado permitiu grandes reflexões acerca da avaliação inclusiva que busca trabalhar as várias habilidades existentes dos alunos, também nos orientou e deu subsídios para entender o contexto estudado e como o fracasso escolar é perpetuado no ambiente analisado.

Os conselhos observados além de perpetuarem o fracasso escolar evidenciaram que a maioria dos profissionais envolvidos ignorou qualquer processo dos alunos, concentrando a avaliação somente nas tarefas constituídas como aquelas

reconhecidas por uma tradição elitista que não é capaz de possibilitar estratégias para que os menos favorecidos possam encontrar-se como sujeitos ativos que serão responsáveis por uma sociedade mais justa, igualitária, onde a ética e o respeito serão a base para a inclusão de todos no universo letrado, para que tenha subsídios e ferramentas para se fazer cidadão.

Porém, acreditamos que os profissionais envolvidos também são vítimas do fracasso escolar que por décadas excluiu e valorizou somente a cultura letrada da elite, sem ao menos reconhecer os conhecimentos trazidos pelos sujeitos de outra classe social. Os professores são heranças deixadas por uma escola que sempre foi para poucos. São sobreviventes de um processo de fracassos. Entretanto, é preciso estudo, reflexão, formação continuada para que a educação possa realmente fazer a diferença na mudança social tão pretendida por todos nós.

Não podemos mais ficar acomodados diante da discriminação social que circunda o processo de ensino e aprendizagem.

Esperamos que esse estudo possa pelo menos iniciar um processo de reflexão, possibilitando outras discussões sobre a avaliação e a verdadeira função dos conselhos de classe.

## Referências

**BOURDIEU, P.** La reproduction. Paris: Minuit, 1970.

**FREIRE**, Madalena. *Observação –Registro – Reflexão : instrumentos metodológicos* I.2 Ed. São Paulo: Série Seminários, 1996.

**MATTOS, C. L et al.**(1992a) *Fracasso Escolar: imagens e explicações populares sobre dificuldades educacionais entre jovens das áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro.* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V73, n.4, p.368-383, maio-ago.1992a.

**PERRENOUD, Philippe.** *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*/ Phillipe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

**ZABALA, Antoni.** *A prática Educativa: como ensinar.* Antoni Zabala; trad. Ernani F. Da F. Rosa.- Porto Alegre: Artmed, 1998.

**WEISZ, Telma** : *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem* . 2 ed. São Paulo: Atica, 2003